Wolfe's Hope
Lora Leigh

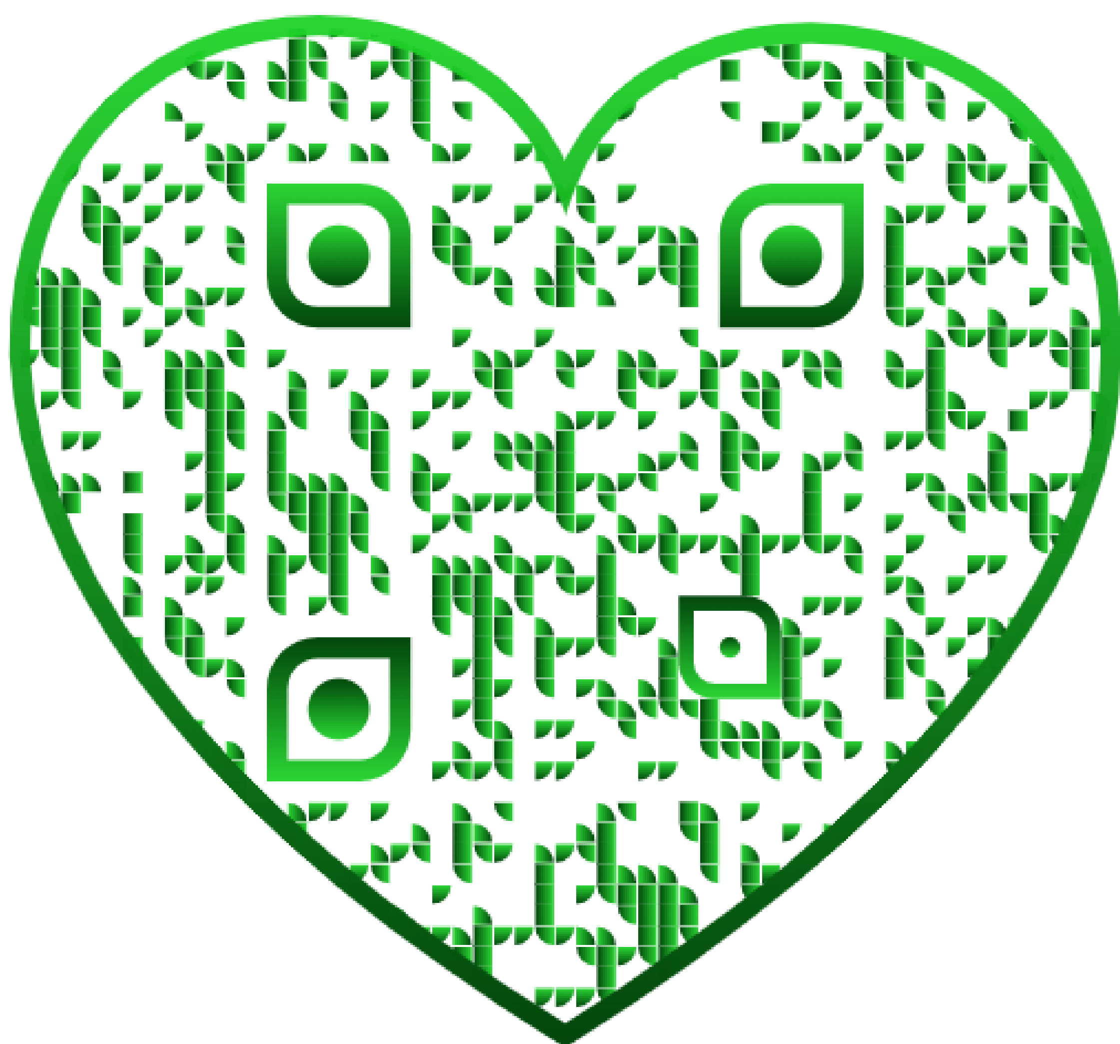
Revisado por: Regina Bernardo
Padronização: Projeto Revisoras – Raí Lira



CASTAS 10
LOBOS - Livro 02



Hope acreditava que Wolfe estava morto, mas ele só aguardava o momento adequado para reclamá-la. A cientista que o criou, a mãe de Hope, tinha-lhe obrigado a isso. Ela desejava a sua criação de volta, e desejava qualquer filho que tivesse gerado com sua filha. Ele é um homem cujo DNA foi alterado, imbuído com o código genético de um lobo. Essa marca genética tinha criado um macho como nenhum outro e se mostrará uma das formas mais surpreendentes. Agora Hope deve convencer seu companheiro de que não o traiu, e que devem destruir os planos de uma cientista perturbada.



PRÓLOGO

O corpo ficou tenso, preparado para saltar sobre eles, quando empurraram outra vez a jovem em sua cela. Ela agora tinha seu cheiro, a prova de que era sua companheira. A marca que ele havia deixado no dia anterior em seu ombro, era evidente.

- Farás o que mando agora mesmo ou Hope receberá o castigo em seu lugar. A Dra Delia Beinesmith o disse friamente.

- É sua filha. Respondeu Furioso. Como pode fazer- lhe isso?

- Ela é apenas uma cobaia de laboratório, exatamente como você. Limitou- se a informá- lo.

- Você deve fecunda- la. Está ovulando, e nos encaregamos que ela esteja pronta para você. Tome- a meu, pequeno lobo, ou ela pagará.

A cadela se foi, enquanto sua risada ecoava devido a distância.

Hope choramingou devido a seu estudado de superexitação sexual. Eles lhe haviam administrado um afrodisíaco, para terem certeza de que ela aceitaria a união.

- Por favor, Wolfe. O corpo pequeno se agitava com os tremores tipicos da excitação induzida. - Dói. Por favor.

– Não quero. Não posso, Hope. Ele não podia nem vê- la. - Não quero.

Ela era só uma garota, tinha apenas 17 anos. E ele não a marcaria fisica ou emocinalmente sabendo de tudo o que se daría a partir dali.

- Minha mãe me pegará- falou em sussuros.

– Não haverá essa oportunidade. Ele sabia

– Ela me disse que já me há feito tua. Como pode fazê- lo sem tocar- me? Ele quase podia ouvir as lágrimas que caiam sobre suas pálidas bochechas.

– Marquei- te Hope. – Ele não podia evitar olhar a prova de sua propriedade. – Nenhum outro te tocará. Nenhum outro te terá. A marca e o meu cheiro te fazem exclusivamente minha. Não cometas o erro de permitir que outro homem te leve a cama, porque eu o matarei. Só de pensar nisso lhe atravesssava uma raiva fria, dura, palpável. Ele havia matado um soldado por dela. O mesmo que havia se atrevido a tocar seus seios quando no dia anterior lhe

haviam rasgado a roupa.

– Sinto muito que minha mãe tenha forçado- nos a isto. A culpa é minha, por amar- te. – Como sempre, ela tentava arcar com a responsabilidade sobre sus pequenos ombros.

– Não, Hope, a culpa é minha. Disse suavemente. Entretanto não posso fazer- te inteiramente minha.

As explosões sucediam- se no complexo formado pelos edificios. Os tiros e explosões pareciam rodear o lugar onde Hope estava confinada; o cheiro dos edificios queimando era insuportável e os sons, dos gritos das pessoas que estavem presas pelo fogo ressoavam em sua cabeça.

– Wolfe! Gritou desesperada.

Dirigiu- se a seu quarto que ficava no extremo oposto da casa. Estava aterrorizada com a perspectiva de ser pega pelas chamas. Ela gritou seu nome até ficar afônica e rezou para que ele a encontrassse.

A terra estremeceu, parte do telhado se desprendeu enquanto Hope se agachava debaixo da mesa esperando que o móvel pudesse salva- la. Gritou outra vez desesperada o nome de Wolfe. Ele com certeza viria busca- la.

O som da porta dianteira a abrir- se fez com que Hope se levantasse e saísse correndo até a entrada. Parou abruptamente ao ver que sua mãe estava de pé ali, furiosa agitando sua cabeça longe de sua calma habitual.

– Wolfe, Wolfe, Wolfe! – Hope não podia deixar de chamar, mesmo sem obter respostas.

– O filho de uma cadela está morto. Todos estão mortos. – Sorriu com desprezo. – Eles voaram com os explosivos, os laboratórios primeiros e aquilo virou um inferno. Esquece- o Hope e salva- te. Não te preocupes com esse hibrido.

Hope desceu até o solo, apoiando a coluna na parede, incapaz de aceitar, incapaz de entender o significado das palvras da mãe.

– Ele virá por mim. - Sussurou.

A crueldade estava patente na risada demente de Delia Bainesmith.

É um pensamento bonito, mas ele está morto e jamais poderá unir- se a ti. Má sorte poderia tê- lo desfrutado.

CAPÍTULO UM

Seis anos depois, Julho de 2002
Albuquerque, Nuevo México.

Quando Hope Bainesmith recebeu o telefonema de sua mãe, supôs que esse não seria um bom dia. Ela não se havia dado o trabalho de chamar- la durante anos, não havia demonstrado no menos interesse em sua vida, com exceção dos exames ginecológicos mensais que exigia. Assim que o telefonema a preocupou.

– Tem visto Wolfe?

As pernas de Hope tremeram com a pregunta e ela sentou- se na cadeira da cozinha, tentando acalmar a dor enraizada em seu peito. Wolfe. Sua mão automaticamente tocou a marca em seu ombro. Seu corpo sacudiu com a recordação. A marca era a causa dos exames mensais. Uma loucura da natureza, própria de um homem que fora criado pela ciência. A pequena mordida havia injetado uma pequena quantidade de um hormônio desconhecido em seu sangue. E havia aumentado seus feromônios e atuava como um suave afrodisiaco. Desde então ela vivia num inferno de contínua excitação.

– Wolfe morreu lembras?– recordou- o a criatura que a havia trazido ao mundo. – Como eu podia tê- lo visto?

Houve um silêncio na linha. Hope sabia que sua voz era um reflexo do pesar que ela vivia diariamente. Seis anos haviam se passado todavia ela podia recordar com clariade o ataque nos Laboratório, o fogo, os gritos horrendos daqueles que haviam sido pegos pelas chamas.

– Nunca recuperamos seu corpo - respondeu a Dra. Bainesmith, com sua voz culta e autoritária.

Hope podia recordar de sua mãe como uma bonita mulher, com enormes e frios olhos negros, frios como aço. Seus traços asiáticos sempre estavam cobertos por uma estudada máscara de indiferença. Nada lhe importava exceto seu projeto, e nada mais lhe importaria. Mas Wolfe já não era um projeto, quis gritar, e ela tampouco.

– Houve muitos corpos que não recuperaste. Falou Hope. - Wolfe está morto, deixa- o descansar em paz.

Cuidadosamente baixou o telefone, lutando contra as lágrimas que enchiam seus olhos. Sentiu imediatamente o desejo que a tomava quando menos esperava. Wolfe estava morto. O pesar não podia trazê- lo. Não havia justiça para sua morte apesar de saber que havia tentado.

Sua mãe se havia negado a aceitar. Wolfe era sua criação; ela considerava- o e a sua alcatéia como de sua propriedade. Ele a havia derrotado com sua morte, e Hope sabia que ela nunca aceitaria não poder criar o exército invencível que ela havia planejado. Um grupo selvagem, soldados inteligentes com os instintos e a intenligência de um animal.

O mundo todavia não havia se recuperdo na notícia, ainda agora, seis anos depois do anúncio da espécie felina, ter sido anunciada nos meios de comunicação.

Esses homens e mulheres, criados pela ciencia, haviam sido genéticamente alterados com o DNA de animais. Haviam sido criados para matar. Para tornarem- se soldados disponíveis para o governo. Mas alguém havia alertado a opinião pública. No momento, em que a informaçao chegou ao mundo, foi quando os laboratórios do México haviam sido atacados pelo exército mexicano e agentes americanos. Havia sido uma batalha brutal, sangrenta, uma da qual qualquer chefe de cartel haveria de sentir- se orgulhoso. Mas não eram drogas o que eles buscavam, e sim o que os pesquisadores sem escrupulos haviam conseguido com seus experimentos com humanos.

Hope estremeceu ao recordar os gritos, as chamas avançando inexoravelmente e o continuo tiroteio intercalado com explosões.

Ela havia gritado o nome de Wolfe uma e outra vez durante essas horas. Se ele tivesse escapado, teria ido busca- la. Ele a havia marcado, jurara que ela lhe pertenceria para sempre. Nao a haveria deixado morrer ali.

Suspirando profundamente, pegou sua mochila e dirigiu- se a suas aulas. Seu dia estava cheio de atividades, sua vida estava organizando- se de tal maneira que havia mudanças visiveis, e ela não podia permitir que as lembranças destruissem tudo o que ela havia lutado nos ultimos anos.

Ao sair de seu pequeno apartamento, olhou o caminhão branco de mudanças, que havia estacionado defronte a porta do seu edificio, mas deu- lhe pouca atenção. Notou que dois homens altos e grandes sairam do caminhão mas aquilo nada tinha de extraordinário. O que ela não esperava era que um deles lhe segurasse fortemente no braço quando passou a seu lado. A surpresa a deixou sem respiração. Hope viu quando um dos homens altos vinha até ela quando um gemido escapava de seus lábios e seus olhos cinzas brilhavam com nojo.

Ela abriu a boca, pestanejou quando notou uma mão em seu braço.

– Wolfe!!– ela sussurou o nome desesperadamente quando sentiu que perdia a consciência.

CAPÍTULO DOIS

Hope acordou desorientada. Abriu os olhos e olhou fixamente as pesadas vigas que cruzavam- se no teto. Este não era seu quarto. Olhou em torno, e examinou cuidadosamente o quarto. Os pesados troncos de madeiras que formavam as paredes indicavam que estava em uma cabana. O cheiro de fogueira e o som de vozes baixas, lhe assegurou que não estava sozinha. Se moveu contra o colchão, pensando em levantar- se da cama e exigir uma boa explicação. O medo e a raiva pipocavam em seu peito quando tentou mover- se não conseguiu.

Suas pernas e braços estavam atados a cama como se ela fosse uma virgem pronta a ser sacrificada. A única roupa que vestia era uma camisa e que estava completamente desabotoada e o sutiã. Seus jeans havia desaparecido. Seu corpo vibrou excitado, com uma dor que não sentia há vários anos. Somente Wolfe, somente seu toque, a carícia de sua língua, a carícia de seus lábios podiam deixa- la em tal estado de excitação.

Ele a havia tocado. Ela conteve um soluço, enquanto fechava os olhos tentando entender o fato de que ele estava vivo, e se havia atrevido a toca- la enquanto ela estava inconsciente. Seus olhos tentaram avaliar seu corpo indefeso. As pontas de seus seios estavam muito sensíveis que ela podia jurar que somente respirar eles se irritavam. Seu abdomêm ardia. Havia uma sombra nos seus quadris, seu sangue fluía mais rapidamente em suas veias, um fluxo de luxuria quando se movia contra as amarras, enquanto tentava acalmar- se para evitar a dor que nascia em seu útero.

Ele a havia tocado, a havia provado com sua boca. Quase choramingou. Tentou deter o som sem êxito, porque sabia que ele possuía um ouvido excepcional. Ele sabia que ela estava acordada, e viria vê- la. As lágrimas molharam seus olhos. Ele estava vivo, todos estes anos ele havia estado vivo e ele nunca a havia buscado. Nem mesmo havia sido capaz de mandar- lhe uma mensagem. Havia deixado que ela se fosse. Apertou seus lábios e seus olhos se estreitaram. Maldito seja! Ele sabia o que sua mãe havia dito no dia em que os haviam aprisionados na mesma cela. Sabia que a havia marcado como sua companheira, assegurando- se de que nenhum outro homem, normal ou de qualquer outra espécie, pudesse tocá- la.

Entretanto levava a cicatriz dessa marca em seu ombro. Ele havia afundado os dentes e suavizando a mordia com golpes suaves de sua língua injetando um hormônio que havia infectado rapidamente sua corrente sanguíena.

Ela havia estado nesta noite, tão quente, havia necessitado dele tão desesperadamente, que havia- o suplicado por horas para que a fizesse sua. Mas ele só a havia mordido e logo estava muito zangado tanto consigo mesmo como com ela ao entender as consequências de seus atos.

Certamente, a cadela se havia sentido alegre, crendo que seria apenas uma questão de

tempo para que Wolfe demonstrasse que sua teoria de que o DNA de sua espécie encontraria uma forma de perpetuar- se. As fêmeas não eram férteis. E Haviam evidências suficientes para corroborar a teoria de que o esperma dos machos encontraria uma maneira de assegurar a espécie. Sua filha havia sido escolhida como uma cobaia de laboratório para o procedimento.

Hope não lembrava um momento em sua vida em que houvesse sentido algo pela fria e sarcástica mulher que conhecia como sua mãe. Mas quando soubera do plano feito de usar- la tão friamente, havia começado a odia- la.

– Vejo que acordou.– seus olhos dirigiram- se até a voz que a saudava da porta.

Os anos haviam passdo e não o haviam marcado, pois ele seguia tão belo que a respiração lhe faltou.Seu cabelo era negro, mas curto na frente, e caindo livremente atrás até debaixo do pescoço, acariciando seus ombros. Vestia uma camisa de algoãdo azul e umas calças jeans apertada nos quadris. Sua ereção apertava- se contra o tecido de tal maneira que Hope pensou que deveria sentir dor.

Hope respirou com dificuldade. Wolfe parecia muito mais intimidador que antes, quando o conheceu. Mas estava vivo. Sua simples presença a impedia de respirar livremente.

– Me amarraste, te atreveste a tocar- me enquanto estava inconsciente. – Acusou- o repentinamente furiosa com ele por haver permitido que vivera atormentada durante seis longos anos. Não és melhor do que os bastardos que te criaram, Wolfe.

As palavras nascidas da dor e da fúria não puderam ser retiradas, e ela não tinha nenhuma vontade de fazê- lo. Como ele ousou abandonar- la durante todos esses anos? Como ousou sequestra- la e assusta- la, em vez de buscá- la como ele deveria ter feito?

Contudo se assutou, quando a fúria encheu de negros pressários seus olhos.

- E tu, moça, não és melhor que a cadela que te trouxe ao mundo. - Ele sorriu com desdém. - Pensas que quero ser capturado, obrigado a engravidar- te e ver crescer presos meus filhos? Crês que o plano que tramaste com sua mãe teria funcionado bem?

Hope olhou- o fixamente totalmente perplexa. Como ele podia acreditar que ela planejaria algo com sua mãe quando nem sequer sabia se ele estava vivo?

- Que plano? - mordeu as palavras - Eu jamais planejei nada com ela.

Seus lábios se contorceram num sorriso de desdém quando ele entrou no quarto, enquanto fechava a porta atrás de si. Deus, estava padecendo de desejo por ele. Apenas podia pensar o quanto sua necessidade de ser tocada por ele era tão grande, agora que estava tão próximo dela. Só sua presença causava- lhe dolorosas pontadas de luxuria que ondulavam por todo seu corpo.

- Não poderás resistir por muito tempo, Hope.- Disse- lhe suavemente, seus olhos

percorreram todos seu corpo e escureçeram com luxuria. Prometo- te, que antes que a noite acabe pedirás para dizer- me a verdade.

A promessa sensual de sua voz fez com que sua respiração se detivesse. Suas mãos dirigiram- se a seu cinto, desafivelando- o com movimentos lentos, suaves. Seus olhos se alargaram quando ele começou a retirar- lo das passadeiras da calça. Iniciou a perguntar- se se ele teria alguma coisa mais em mente para fazê- la sua.

– Não se atrevas a pegar- me. - disse quando pôde articular as palvras.

Ele deixou cair o cinto, enquanto sorria e seus dedos desabotoavam sua camisa. Hope tremeu. Ela podia sentir como estremeciam sua coxa, como os músculos de sua vagina se preparavam para ele. Sentia como a batida de seu coração era cada vez mais forte dentro de seu peito.

- Não necessito machuca- la - disse ele, com voz severa. - Podes parar o castigo a qualquer momento, dizendo- me a verdade. - Conta- me como tu e tua mãe sabiam tudo sobre a união, entre os de minha raça. E como sabia que eu te escolheria como minha companheira. Diga- me porque permitiste que outro homem a tocasse, deixar suas pegadas dentro de ti.

– Enlouqueceste? - praticamente gritou. Com que demonios então supoe que eu permitiria que outro homem me tocasse quando só de pensar nisso tenho ãnsias de vômito. Isso era o que mais a enfurecia. As poucas vezes que ela havia tentado superar seu passado haviam se transformado num desastre.

- Pobre virgenzinha ultrajada. - Seu sorriso provocou- lhe calafrios que percorreram sua coluna vertebral, mas fez pouco para aliviar sua necessidade de unir- se a ele. - Pela ultima vez, diga- me como essa cadela que tens por mãe supôs que havíamos morrido quando nós destruímos os laboratórios.

Sua carência por ele a estava deixando louca. Se ele não a fizesse sua, começaria a gritar sem controle. Já havia esperado bastante, sentindo como uma tortura todos e cada um dos dias que compreendiam seis longos anos em que a havia abandonado.

Hope piscou e olhou- o. Estava retirando a camisa e o movimento deixava a vista seu largo peito. Inquieta, moveu suas pernas. Então ouviu o som de suas calças jeans caindo.

– Não sei. – Sussurrou ela.

Ela não podia deixar de observar seus movimentos. Retirou os sapatos e deixou suas calças jeans no chão, enquanto revelava a magnitude de sua excitação. Ela recordava bem quão grosso e extenso era, uma tentação, mesmo para a inocente adolescente que ea havia diso uma vez há muito tempo.

Os cientistas o haviam obrigado a estar permamentemente sem roupas. Ela recordava como o espreitava enquanto Wolfe movia- se dentro da cela, sem vergonha de sua nudez, até quando

estava excitado. Alto e grande movia- se com graça inata.

Seu pênis subiu até seu abdomem, firme, duro e grosso. A cabeça era bulbosa e de cor avermelhada, e o corpo era forte, grande e estava pulsando de excitação.

– Oh, Deus. Susurrou ela arquejante.

Wolfe foi até a cama e se ajoelhou a seu lado olhando- a fixamente com uma expressão fria e dura. Ele pretendia comportar- se como um bastardo, ela sabia, mas também podia ver uma língua de fogo nas sombras escuras de seus olhos. As emoçoes eram confusas e a ereção não era sua única reação a ela. Ela era sua companheira, e por mais que pretendia fazer- le, sabia que não a feriria. Pelo menos, não fisicamente.

CAPÍTULO TRES

Por momentos, sua expressão suavizou- se.

– Sabe quanto tempo tenho esperado para tocar- te como vou fazer agora?– Gruniu, sua voz era rouca e suas mãos ásperas quando despiu a camisa de Hope deixando totalmente nua. – Tem sequer uma idéia do dificil que foi para mim não tomar sua inocência?

Hope tremeu, sua carne sensível ao sentir o calor de suas mãos, a dura promessa de seu corpo.

– Eu me ofereci a ti. – Susurrou ela. Não, ela não havia simplesmente se oferecido, havia suplicado, implorado para que ele a tomasse depois que ele deixara a marca em seu ombro.

- Tu o fizeste. Me traíste. – Sua voz letal, seus olhos brilharam com aborrecimento quando a olhou fixamente. – Eu só quis te proteger, Hope, e como me recompensaste este sacrificios que fiz para assegurar sua proteção.

Sua mão rodeou seu pescoço. Ele não presionou- a, mas ela era consciente de queria ela soubesse que a ameaça esta alí. Mas a única coisa que ela podia sentir era o fogo de seu desejo, sibilando através de suas veias, borbulhando em seu interior.

- O que dizes? Ela moveu sua cabeças, enquanto a raiva, a luxuria e uma chispa de dor sobreveio a seus olhos. - Não fiz nada, Wolfe.

Ela não podia entender a raiva que vislumbrou nele quando negou que o havia traído. Como ela podia havê- lo traído? Quando em sua alma sabia que pertencia a Wolfe.

- Traiste- me com outro homem - Gruniu. - Não percas teu tempo em mentir, mulher. Hás jazido em baixo de outros corpos, possuíram teu corpo e permitiste que em vez de esperar que eu fosse buscar- te.

Hope empalideceu.

– Não é verdade. Abriu a boca, horrorizada. Como ele podia acreditar em algo como isso. – Juro- lhe que não foi assim, Wolfe. Eu nunca estive com outro homem. Ele agitou sua cabeça em negação. Seus lábios retorcendo- se em um gesto de fúria e amargor.

- Creio que poderia sentir o cheiro da traição em seu corpo, o cheiro do sêmen de outro. Estou tão cativo por sua beleza, pela minha própria necessidade, que não posso sequer sentir o odor da traição. Ele agora parecia mais cansado consigo mesmo do que com ela, como se seus sentidos se negassem a ver o que estava ali, somente porque ele não queria acreditar.

- Porque não houve nenhum. Disse ela mordendo as palavras. Que tens de fazer para acreditar, violar- me? Maldito sejas, todavia sou virgem. Não precisa ser muito interligente para deduzir isso.

Ela sabia tudo sobre seus instintos possesivos. Sua mãe havia tentado vingar- se dele depois que negou- se a toma- la. Dois dos soldados do laboratório a haviam encurralado e a tocado e Wolfe fora obrigado a olhar.

Wolfe havia se sentado na cela, com um gesto frio e controlado, enquanto as cores mudavam rapidamente em seus olhos. Sua mãe havia cedido finalmente e havia soltado a Hope depois a havia largado outra vez dentro da cela com ele e havia saído.

Wolfe a havia estreirado em seus braços, a havia consolado, mas seguiu negando- se a toma- la. Na vez seguinte em que ele havia escapado de seu confinamento, os dois soldados que a tocaram haviam aparecido mortos.

- Não és virgem, Hope - Disse cansadamente, com sua expressão cheia de aversão. - Como esperas convencer- me de uma mentira destas?

Seus olhos cinzas reluziram com raiva. Ele a olhou fixamente com fúria e ela agitou sua cabeça, a raiva crescendo dentro dela.

- Como pode dizer isso?ela questionou. - Pensa porque me esqueceste facilmente que eu pudera fazê- lo também? Má sorte que não havia te marcado também. Quem sabe não haveria me esquecido tão rapidamente.

- Pensas que não comprovei? Gruniu. - Tenho a prova de tua traição Hope.

As fotos que a Cadela me enviava de ti, copulando com outros homens, com seu rosto refletindo o prazer.

A raiva possesiva que se desprendia de sua voz era perigosa. Seu corpo estava muito tenso e seus olhos brilhavam com fúria.

- As fotos podem ser falsificadas. Lhe disse furiosamente. - Todavia sou virgem, a prova está em meu corpo.

- De verdade pensas que não foi o primeiro que comprovei?- Perguntou- lhe friamente. - Pensas que sou estúpido a esse ponto que não saberia se a obstrução estaria ali ou não? Eu o verifiquei, Hope, e não há nada. Pare de mentir já.

Hope acalmou- se. Olhou- o fixamente, sem compreender. A raiva e a dor de Wolfe eram tangíveis.

- Que estás dizendo?sussurou confusa. - Está aí.

Ele agitou sua cabeça e seus lábios emitiram um grunhido de fúria.

- Por que acreditas que te despi? Por que pensas que a excitação que sentes é muito maior do que antes? Eu o verifiquei. Enterrei meu dedo facilmente dentro de ti, Hope, até bem fundo. Senti- te estreita, como se minha mão tivesse entrado numa luva de ferro, mas não encontrei nenhuma resistência. Não és virgem. Pensavas que eu não verificaria certo? Pensou que eu não lhe concederia o beneficio da dúvida a minha companheira?Deixa de mentir de uma vez e diz- me o que quero saber, agora.

Sem dúvida que Ele havia verificado primeiro. Ele nunca dizia nada a não ser que estivesse certo disso. Sua lógica fria era conhecida por todos, sempre tinha o controle de seus atos e emoções. Aquela era uma das cauasa porque sua mãe havia perdido a paciência muitas vezes nos Laboratórios. Com que facilidade podia mostrar- lhe o quão incomepetente era. Ela havia perdido quase todos os patrocínios e apoios dentro dos Laboratórios dentro do Conselho Genético antes que fugissem.

– Cometeste um erro. – não havia nenhuma outra explicação,embora ela temesse que houvesse.

Sentia que as lágrimas caíam de seus olhos. Ela não as verteria, não agora quqe ele podia ve-las e zombar dela. A dor floresceu em seu coração, em sua alma. Estava completametne segura de que se Wolfe dizia a verdade, a única explicação possível era que sua mãe havia entrado em acordo com o ginecologista e ele de algum modo a desvirginara durante sua última consulta. Lembrava de haver sentido muita dor, mas que nas consultas anteriores.

Seu grito de rejeição foi silencioso. Ela tentou acalmar- se, enquanto lutava por respirar, era a única coisa que podia fazer.

– Não há nehum erro. - Ele pontuou suas palavras rasgando a camisa de seus braços e jogando os andarjos ao chão.

Apesar do que estava sentindo Hope, não podia olha- lo fixamente. Wolfe estava muito furioso e sua furia nascia da dor da decepção. E ela era inocente, não podia ser de outra forma. Somente Wolfe morava em sua alma.

Sua respiração saiu aos tropeços de sua garganta quando ele olhou fixamente em direção a penugem que cobria a união de suas coxas. Quis permitir que suas lágrimas caissem, mas não podia. Não o faria. Depois, quando ele não estivesse olhando, quando não pudesse ver a fria decepção em seus olhos.

- Trouxeste- me roupa? Ela esperou sua resposta. Não podia perder o controle agora. Nao o faria.

Ele estreitou seus olhos enquanto a olhava.

– Nao precisarás de roupa até que me contes os planos que A Cadela tem feito para mim e para minha espécie. E se sabe algo sobre nossa localização e paradeiro. - Disse- lhe com voz fria e odiosa.

Hope engoliu com dificulade e sentiu em seu peito o peso da traição.

- Não sei nada sobre seus planos- sussurou ela - nem sequer sabia que estavas vivo antes que me sequestrasse. Ela jamais falou- me de ti até esta manha quando me perguntou ao telefone se eu o havia visto.

– Resposta errada. Ele levatou uma faca da mesa e depois de passa- la pelo decote cortou o sutiã. - Tente novamente.

Hope estava calada. Olhou fixamente o teto, e lutou para respirar através da dor. Ela não tinha nenhuma roupa, ou orgulho, agora. Ela rezou para que ele a deixasse, mas quando ele acariciou entre as pernas e sentiu como dois dedos enterravam- se em sua úmida abertura, foi incapaz de deter seu gemido e seu corpo arqueou- se contra a cama.

– Teu canal está completamente molhado, tão pronto para mim.– Gruniu. – Diz- me, doce Hope, como conseguiste molhar- te para os homens que te tomaram, apesar de ter te marcado como minha?

Sua voz era dura, aspera, mas seu toque era terno, enquanto despertava seus sentidos. Ella sentia que seus sucos escorriam, e seu ventre pedia dolorosamente uma satisfação.

– Não houve nenhum outro homem. Disse ela, enquanto lutava por respirar atrás das sensações intenseas que fustigavm seu corpo. - Te asseguro, Wolfe.

– Seus dedos irrumperam entre as dobras de sua parte mais intima e os estremecimentos que agitavam seu corpo permitiram aos desdos escorregar mais profunda e facilmente em sua vagina. A esticaram, a preencheram. Entretanto não havia nenhuma obstrução.

CAPÍTULO QUATRO

– Onde está sua virgindade, Hope?- ele agora estava alojado o mais profundamente possivel dentro de seu corpo, e não havia encotrado nenhuma oposição. – Não te castigarei pela traição de seu corpo. Sei dos perversos jogos em que sua mãe te colocas. Mas se não me contares como ela planeja atacar minha espécie, te castigarei e não pararei até que tu em dês o que eu quero.

Ele retirou seus dedos e os empurrou de novo brutalmente.

Hope deixou de respirar por um momento. O prazer fazia com que seu corpo arqueasse o máximo que as cordas que a amarravam permitiam. Um raio atravessou seu corpo e toda a sua atenção concentrou- se nos dedos que a atormentavam.

- Te juro, Wolfe. Eu juro, ela não me disse nada. - Hope ofegou e agitou sua cabeça e seus quadris tentando manejar os dedos dentro dela.

- Como posso acreditar, meu amor? - questionou suavemente. - Nem sequer admites a perda da tua virgindade. As mentiras saem de seus lábios com muita facilidade.

Uma lágrima rolou por sua bochecha. Ela olhou fixamente o teto resolvida a acabar com as súplicas, pelo menos isso. Contudo não podia acalmar seu corpo facilmente. Seus quadris agitaram- se novamente quando Wolfe empurou outra vez os dedos dentro dela. O prazer se misturava com a dor e a levavam ao êxtase facilmente. Maldito, sabia perfeitamente o que estava fazendo. Podia ouvir sua respiração calma, enquanto a atormentava.

- Não me chames de meu amor. Agitou sua cabeça, enquanto lutava para não chorar. - Nunca signifiquei nada para ti.

O silêncio seguiu- se a sua palavras. Seus dedos pararam de mover- se dentro dela e os retirou.

- Por que diz isso? - Perguntou- lhe, com desprezo.

Hope olhou- o surpresa. Ele estava franzindo o cenho e havia confusão em sua expressão, como se não compreendesse o que havia lhe dito. Como se estivesse amando- a ao invés de castigar- la. Ainda que seu corpo no momento não entendesse a diferença.

– Como posso acreditar em outra coisa. – ela sussurou. – Supostamente sou sua companheira, mas quando o fogo arrasou os laboratórios, não vieste buscar- me e depois nunca me deste um só sinal de que estavas vivo. Eu não signifiquei nada para ti, Wolfe, até que acreditaste que eu podia ter alguma utilidade, até que pensaste que eu poderia ser útil.

E isso era o que mais lhe doía. Ela havia passado seis anos sofrendo tanto fisica e emocionalmente. Tinha pesadelos praticamente todos os dia, creendo- o morto, vendo seu corpo devorado pelas chamas em sua intenção de destuir os laboratórios. Crendo que ele havia ficado entre as ruínas daquele maldito lugar. Havia- o adorado, idolatrado, admirado quando havia se oposto e enfurecido a sua mãe negando- se a violar as mulheres que lhe haviam trazido para que as engravidasse.

- Por que? Perguntou- lhe desesperadamente. - Por que não vieste até mim, Wolfe?

Ele não respondeu; arrastou seus dedos úmidos pelos seus pêlos pubianos e subiu pelo abdomêm até chegar a seus mamilos. Hope não podia pensar em nada enquanto olhava- o. Seus mamilos doíam, clamavam por serem tocados. Seu clítoris estava inchado desesperado por suas carícias.

- Você é o único que realmente me importou. - Sussurou tristemente, seus olhos facilmente encontrando os seus.

- Desde que completaste 17 anos, e olhei teus olhos azuis, grandes e inocentes, fostes todo meu mundo. Ele falou.

Sua garganta se fechou dolorosamente. Ele parecia tão sincero, havia tanta dor em seus olhos que desejou acreditar desesperadamente. E então soube derepente quanto a queria. Ele a queria, mas as mentiras de sua mãe o faziam impossivel.

Então por que não foste me buscar? Perguntou- lhe. Ele levou seus dedos a sua boca e chupou- os sensualmente provando o sabor de sua fêmea com um grunhido de necessidade.

- Teu sabor faz com que eu tenha ganas de ti doce Hope. - Disse- lhe com voz rouca que refletia a intensidade sexual com que lhe falava.

- Wolfe, te suplico, se és o que queres. - Choramingou. - Por favor não me faças isto. Faz- me tua de uma vez ou deixa de tocar- me. Por favor. Te juro, estás cometendo um erro.

Ele tomou um mamilo entre seu dedo polegar e indicador. Hope não pode conter o lamento de prazer que saiu de seus lábios. Arqueou- se, agitando- se, necessitando ao menos tocar uma de suas coxas para aliviar a pressão em seu interior, mas as amarras a impediam.

- Só quero ouvir a verade, Hope. Diz- me o que planeja. - Ele girou seu mamilo entre os dedos, beliscando- a com suas unhas, convertendo- a numa massa confusa de necessidade.

Como poderia suportar? Ele a mataria com suas caricias.

– Não sei. – Ela jogou sua cabeças para trás desesperadamente.

– Então diga- me o que sabes.– Susurrou. – Diga- me os nomes dos homens com que dormiste. Diga- me algo, Hope. Para que eu possa voltar a confiar em ti.

Ela choramingou e gemeu em agonia.

– Como posso falar de algo que nunca aconteceu. – Clamou ela quando sentiu como seus dedos apertavam cruelmente seu mamilo.– Wolfe, por favor.

Ele moveu- se pondo- se de quatro sobre ela, pondo seu pênis entre seus seios, movendo- o suavemente, acariciando seus mamilos com ele. Hope gemeu, arqueando- se ante a carícia. Estava desesperada, necessitava- o, clamava por tê- lo. Seu interior chorava por ele.

Ele se moveu e retirou- se privando- a do contato com um sorriso nos lábios.

- Quantas horas poderá aguentar sem chegar ao orgasmo, Hope? Perguntou- lhe. - Vou negar- te qualquer prazer. Não vou a entrar em ti até que me dês o que eu quero. Brincarei contigo, lamberei teu corpo, o beijarei até que esteja morrendo de excitação, até que sejas capaz de qualquer coisa para pedir que te faças minha. E então pararei, até que sofras como jamais imaginou.

- Não. - Hope lamentou- se enquanto girava a cabeça, sabendo que não poderia aguentar isso. - Não sei nada, Wolfe. Não me faças o que planeja por favor. Se o fazes, serei capaz de dizer qualquer coisa para conseguir que me faça sua.

- Pobre pequena, eu sei a verdade - ele dobrou- se sobre ela e sua língua contornou sus lábios quando ela olhou- o surpresa.

Então seus olhos se fecharam com um gemido. A lingua de Wolfe irrompeu em sua boca. Seu beijo era tão erótico como havia sido seis anos antes. Sua lingua acariciava a sua, tentando acalma- lo com suaves movimentos. Seus profundos gemidos, quase um grunhido. Podia saborear a especiaria, seu sabor, que era único; sentir seu sangue cantar com o prazer, seus batimentos cardiacos crescendo com a antecipação.

Sua cabeça inclinada quando o beijo assumiu uma caratér desesperado. Ele lambeu seus lábios, beliscando- os, desenhando a boca com sua língua. Ele gemeu e Hope se arqueou mais próxima a ele, levantando sua cabeça, desesperada por atrai- lo mais próximo dela, para que lhe fosse permitido sentir o prazer de seu beijo, sua vida para fundir- se com sua alma, para convencê- la de que ele estava ali. Finalmente ella estava com ele. Estava zangado, sentia- se ultrajado e traído. Mas estava vivo, e seu coração cantava de alegria.

Então ele afastou- se, custava- lhe tanto respirar como a Hope, seu peito subia e descia vagarosamente. Hope lutou por entender o que ele estava fazendo. Lutou por dar sentido a aquilo tudo o que ele fazia com seu corpo dolorido e quente pelo prazer.

– Porque fazes isso? Se ele já sabia as respostas para as perguntas que formulava, porque a atormentava dessa maneira?

- Traiste- me quando deixaste que outro tomasse posse do que era meu. Meu Hope. – Quase gritou.

- Não te trai, Wolfe. Porque ainda que o fizesse, estaria justificada porque me deixaste acreditar que estavas morto. - Sua respiração era forçada como se tivesse percorrido grandes distâncias, quando ele subiu sobre ele, seu membro mais próximo de seus lábios.

– Não é justo que esteja zangado comigo, quando, nem sequer podia suspeitar, imaginar que estivesse vivo.

Gostaria de provar o sabor de sua ereção. Nunca havia saboreado a nenhum homem ela o queria em sua boca, queria chupar seu pênis, percorrê- lo com sua língua, leva- lo ao limite e obriga- lo a que ejaculasse em sua boca.

Ele moveu- se pôs a ponta de seu pênis em seus lábios. Hope gemeu, enquanto abria sua boca para ele, sentindo- o entar na calorosa profundidade de sua boca com um suave empurrão. Fechou seus lábios prendendo- o e escutou o lamento que saiu de seus lábios. Seu membro pulsou quando a lingua de Hope, brincou com ele, prendendo- o ferozmente.

Ele permitou a liberdade dela desfruta- lo, durante um tempo, então retirou- se bruscamente, antes de ejacular.

- Sabes Hope, é dificil acreditar que não és uma mulher com muita experiencia, já que o fizeste com maestria. - Havia rancor em sua voz.

- Não diga nada mais - Clamou. - Nada Wolfe. E ainda que não houvesse feito nada antes, não poderia contestar nada.

Ele moveu sua cabeça e seu cabelo negro caiu em cima de seus ombros nus.

- Sabías que estava vivo. Ela te disse que sobrevivi. – Disse furioso. – Sabia que teria ido te buscar quando considerava que fosse seguro. Mas conspiraste para enganar- me.

Ele se moveu um pouco para trás e seus lábios cairam sobre um seio, sua lingua começou a atormentar seu mamilo enquanto a outra mão ocupava- se do outro seio.

- Por favor. – Choramingou ela, enquanto arqueava- se conta ele. Necessitava que ele se alimenta- se de seus seios, que desenhasse suas formas com a lingua.

Ele introduziu seu seio em sua boca e começou a suga- lo como ela precisava. Um gemido escapou de seus lábios, o fazia tão bem, era tão bom Ela sentia que o prazer viajava de seu estômago, ao seu centro.Sua vagina incendiou- se outra vez. Ela podia sentir como se tornava umida, como sua umidade cobria seus lábios e caia até chegar a suas coxas. E ele parou outra vez.

- Quando estiveres disposta a falar, diga- me Hope, então ocuparei- me de ti, até então tocarei teu corpo até romper tua resistencia. E creia- me, encontrarei a forma de satisfazer- me sem que tu possas cheagar ao final.

CAPÍTULO CINCO

Ele moveu sua boca por seu corpo até alcançar o outro seio introduzindo- o na boca como havia feito anteriormente. Hope estremeceu, seu corpo convulsionando- se ante o praze inesperado. Tentou lutar contra ele, as ardentes sensações que lhe assaltavam, e que eram mais do que podia suportar. Deus, não podia resistir a tortura nem um minuto a mais e ele dizia que não pararia até atingir seu objetivo.

Choramingou quando sentiu que os lábios de Wolfe viajavam até seu abdomêm, seu corpo pareceu afundar contra o cobertor. Estava aberta para ele, suas pernas estiradas até o impossível, deixando seu sexo vulneravel a seu toque.

Ele a lambeu primeiro. Ela deixou de respirar quando sua lingua passou pela generosa prova de sua excitação. Seus sucos cobriram sua abertura. Ele abandonou seu sexo e começou a dirigir- se até suas nádegas. Wolfe estava dando um banquete com seu corpo. Subiu até sua vagina outra vez e aproximou- se de seu clitóris. Mordeu- o suavemente uma e outra vez. Quando cansou- se, mergulhou sua língua em sua vagina.

Hope gritou. Seus quadris se arquearam tanto como lhe permitiram as amarras que a restringiam; uma súplica desesperada, saiu de sua garganta copiando o seu sexo convulsionado. Mas ele não lhe permitia chegar ao clímax. Retirou sua língua enquanto proferia uma risada tensa e voltava a seu clitóris. Ele o lambeu suavemente, acariciou- o, chupou- o. Pequenas descargas se suscediam através de seu corpo, e era seu único alívio.

Necessitava unir- se a ele. Todo seu corpo clamava por ele, necessitava chegar ao orgasmo antes que a loucura a consumisse em chamas. Sua língua a queimava, e a enlouquecia a maneira como ele bebia os líquidos de seu corpo levando- a ao limite, afundando sua língua o mais profundamente possível em sua vagina.

Wolfe principiou a acariciar seu ânus. Os olhos de Hope, se abriram aterrorizados quando sentiu como se dilatava lentamente ao introduzir um dedo. Lutou uma vez mais contra as amarras, assustada pelas sensações que a preenchiam quando ele começou a mover o dedo de um lado a outro. Em pouco tempo, juntou outro dedo ao primeiro até que ela sentiu como sua carne se estirava ao máximo. Sentia um calor enorme queimando a entrada de suas nádegas. A luxúria crescia tanto como sua súplicas. Então ele se deteve.

Retirou seus dedos e saiu da cama. Foi até a mesinha de cabeçeira e Hope desejou gritar de frustração. Wolfe retirou um tubo de lubrificante da gaveta e seus olhos cheios de sensualidade voaram até ela.

Dirigiu- se aos pés da cama entretanto não a desamarrou mas deixou as amarras frouxas de modo que foi permitido a Hope mover- se com mais liberdade. Ele sentou- se entre suas coxas.

Untou seus dedos de gel e voltou a dedicar atenção as suas nádegas. Esteve durante muito tempo preparando- a, estirando- a, deixando- a louca. Ergeu suas pernas colocando- as sobre seus braços e começou a dar pequenos golpes com a ponta do pênis na entrada de seu ânus.

- Te invadiram por aquí Hope?.- sussurou enquanto começou a penetrar em seu ânus.

Penetrou vários centímetros antes que ela pudesse opor- se. Empurrava lenta, suavemente. Sentia como uma língua de fogo tivesse entrado em seu corpo. Empurrões lentos, moderados, que faziam arquear- se contra ele, prazer e dor extremos se confundiam. Prendeu a respiração e tratou de ajustar o lugar inviolado a tanta pressão. Sentia- se completamente esticada, preenchida por seu enorme membro. Abriu a boca tentando respirar mas não podia. Simplesmente não podia. Era impossível.

– És tão firme aqui Hope. – Grunhiu. – Sinto- te tão doce, quente e firme Hope! – Dizia enquanto penetrava- a rapidamente.

Tentou escapar lutando contra as sensações que a inundavam. Moveu desesperada a cabeça sobre a almofada e agarrou- se inultimente os lençóis. Seu corpo pedia mais, suplicava por mais. E quando pensou que não poderia resistir mais, os dedos de Wolfe adentraram em seu sexo, como que partindo- o, até o fundo. Hope pensou que morreria, que não poderia resistir a tanta pressão, as paredes entre sua vagina e seu ânus não poderiam resistir a isto.

Ele começou a mover- se, num vai e vem em seu ânus. Movia- se, sem piedade. O prazer a inundou outra vez e confundia- se com a dor. De repente seu membro a abandonou. Inacreditável. Ele havia feito novamente. Rogou, chorou. E ele empurrou os dedos até o interior de sua vagina, acariciando asperamente seu clitoris com o polegar.

Estava tão próxima de chegar a um orgasmo, tão próxima. Sua respiração entrecortada e as ondas de prazer começaram a invadi- la mais rapidamente.

- Sinto muito, amor. - Seus dedos saíram de seu corpo e ele a abandonou na cama, entrando no banheiro. Poucos segundos depois, ela ouviu o som do chuveiro.

O medo deixou- a paralisada, congelada por vários minutos.

– Bastardo! – Gritou frustrada. – Pervertido, filho de uma cadela.

Ela o mataria, jamais havia estado com tanta raiva. Gritou- lhe que quando estivesse livre, arrancaria- lhe os olhos. Não, melhor o amarraria e faria- lhe passar pelo mesmo suplício que ele a estava inflingindo.

De repente ela não mais ouviu o som do chuveiro.

– Essa não é a linguagem adequada a uma dama. – Censurou- a. – Terei de castigá- la por falar de maneira tão imprópria. – Disse fechando a porta do banheiro atrás de si.

Sorria abertamente enquanto a olhava e em seus olhos havia um brilho francamente sexual

e travesso.

- Vamos Hope. Diga- me o que eu quero saber e te farei chegar ao clímax. É a unica coisa que tens de fazer. Simplesmente forneça- me as respostas. Ele estendeu suas mãos, como se fosse toca- la, contudo evitando- a.

- Bastardo.tentou golpea- lo, mas as amarras não permitiram.

– Bastardo, darei- te uma surra, quando sair daqui, tentou golpea- lo, mas as amarras não permitiram.

Ele riu- se entre dente. Levantou suas pernas o mais que permitiam- lhe as amarras outra vez, enquanto não permitia que ela o visse, introduziu todo seu pênis, cálido e rígido em sua chorosa vagina. Hope, tentou opôr- se a invasão. Ele a preenchia e esticava dolorosamente, enquanto fundia- se e entrava até o fundo. Levando- a novamente a um estado de total desesperação que ele mesmo teve medo de destruí- la.

– Por favor. – Choramingou

– Fale. – Exigia – Diga- me o que quero saber Hope.

Saiu de seu corpo e ela gritou tentando impedir a retirada, então penetrou- a com um empurrão duro, e as paredes de sua vulva estreitaram- no fortemente. Se achava tão próxima do clímax que temia enlouquecer. Mas de nada valia suas súplicas, seu choro, Wolfe, saiu de novo de sua magoada vagina.

Wolfe moveu- se até que sua cabeça descançou entre a união de suas coxas. Começou a chupar a entrada de seu sexo. Lambia- a sem piedade e enterrou a língua em seu sexo. O prazer a inundou, atravessando todos os tecidos de seu sexo. Sua língua mergulhava uma e outra vez e ela não podia deixar de estremecer.

Saiu de seu interior e movendo- se sobre ela, foi até seus seios e enquanto acariciava um deles com força, introduziu o outro em sua boca. Brindou com o mamilo, mordiscando- o, e lambeu- o até que ela gritou em resposta, nomeando todos os homens que conhecia. Mas ele não parou.

– Wolfe! por Deus, te juro, Wolfe. - ela seguia gritando depois do que lhe pareciam horas.

O suor cobria seu cabelo, caía em gostas sobre seu pescoço, caía entre seus seios. Estava rouca de tanto gritar, as lágrimas encharcavam suas bochechas e os soluços faziam seu corpo tremer. Ela precisava chegar ao orgasmo. Encontrava- se desesperada por sua nescessidade. Seu estômago sofria contínuos espamos que a levavam ao inícios do prazer para encontrar- se então com Wolfe, que a detinha, somente para inciar uma e outra vez.

– Maldita sejas Hope. – Ele se pôs de quatro sobre ela. Seus musculos brilhavam com o suor. A excitação torcia seu rosto. – Simplesmente diga- me o nome dos que te possuiram,

simplesmente os nomes. É tudo o que quero, só isso.

Ela deixou que sua cabeça caísse atrás, enquanto clamava, lamentando sua incapacidade de dar- lhe o que ele queria. Ela já havia lhe dito nomes, cada nome masculino que recordava e ele não estava satisfeito.

– Juro- te. – Gritou fora de si. – Juro- te Wolfe. Não houve nada. Nunca.

Sentiu dores, como caimbrãs, outra vez no estômago e de sua garganta saiu um gemido rasgado. Ele moveu- se rapidamente e cubriu seu ventre com sua extensa mão. Hope respirou com dificuldade sentido dor em cada respiração. Não podia colocar- se numa posição confortável já que as cordas não haviam cedido em todo o tempo que ele a castigava.

- Hope. - Ele colocou o cabelo úmido por detrás das orelhas com uma expressão surpreendentemente terna. – Somente um nome. Juro- te que não te maltratarei, mas preciso saber quem foi.

CAPÍTULO SEIS

Wolfe sabia que não podia esperar mais. Entretando não havia sucumbido como ela e como ele havia dito que aconteceria, mas não podia aguentar mais. Ele sofira junto com ela, a tortura doia- lhe tanto quanto a ela. Seu pênis clamava pela descarga. Não se atrevia a violar outra vez sua boca nem seu ânus. Estava a ponto de sucumbir ao desejo, e aterrorizado ante a expectativa de feri- la.

Ele não podia levar sua vingança adiante. Apoiou a testa contra a dela e observou as lágrimas que escorriam por suas bochechas, querendo chorar com ela. Ele não havia querido fazer- lhe isto. Não desfrutava em tortura- la. Mas seu desafio aumentou sua determinação em fazê- la submeter- se.

– E suficiente – susurrou ele, seu dedo polegar limpou as lágrimas, mas ela não podia evita-las e continuou chorando.

Diabos. Que acontecia? Por que a enviava a um profundo abismo de desejo, torturando- a com seu próprio corpo? Quando a olhou, supôs no fundo de sua alma que de algum modo Hope o havia traído também. Não somente pela Cadela, mas também por ele.

O frênesi da luxuria, a dor e os sentimentos de traição o haviam tornando em um animal; ele não era melhor que a mãe que lhe havia roubado sua inocência e lhe havia dado um companheiro que tinha tanto de animal como de homem.

O desejo que o invadia só em vê- la não era fácil de controlar, inclusive o intenso sentimento de possessividade que as fotos haviam- lhe inspirado. Quase a havia destruído nos Laboratórios, seu corpo exigia que a tomasse, fazê- la sua, apesar de sua juventude e inocência.

Então a terrível evidência das fotos havia despertado um demônio, dentro dele, que até então não conhecia.

- Te amo - ela sussurou, sua voz rouca quando ela soluçou debilmente. - Sempre te amei, Wolfe. Sempre. Eu não te traíria nunca. Por favor. Por favor, faça amor comigo.

Ele suspirou com dificuldade. - Se te faço minha Hope, não seria mais do que um animal. Ele não podia fazer isso com ela. Não podia arriscar- se a feri- la. - Eu não quero isso. Permita- me sair daqui até que possa recuperar meu controle, até que esteja certo de que não te ferirei.

– Qual a diferença entre o que fizeste- me até agora?– Susurrou, muito cansada para pedir. – Faz o que quiseres.

Wolfe afastou- se dela dolorosamente. Não havia nenhuma possibilidade de pôr- se umas

calças jeans cômodamente. Contudo foi até o armário e apanhou- os. Seu membro estava inchado até o máximo e lutava contra o material que o continha.

Cansado, ele soltou as amarras que a mantinham atada e ela encolheu- se em um canto da cama dando- lhe as costas. As nádegas o tentavam, eram a entrada de seu corpo. Apertou seus dentes em agonia enquanto recolhia a camisa do chão e colocou- a sobre ela.

- Vista isto. Temos que falar, Hope.

- Sobre o quê? Clamou, enquanto se voltava e olhava- o com raiva. - Flemos então de seis anos infernais. Só de pensar em tudo o que passei e que não era necessário. Completamente desnecessário, Wolfe.

Ele retroceceu diante suas palavras, mas soltou uma respiração agradecida quando ella sentou- se na cama, seu corpo agitado pela luxuria e desejo.

– Posso banhar- me ou preciso de sua permissão? – ela ignorou a camisa. Estava nua. Orgulhosamente e furiosamente nua diante dele.

- Banhe- te. - Suspirou ele. - Te esperarei em outro aposento e então falaremos.

Hope empalideceu perigosamente, enquanto dobrava- se sobre seu estômago e sentava- se com dificulades na cama.

- Hope! Ele apressou- se em aproximar- se dela e pôs sua mão sobre seu abdômem, sentindo a tensão que havia ali. Percebeu então que Hope não poderira resistir.

Ela contemplou- o através da dor, enquanto se agarrava a ele, olhando- o fixamente, suplicando- lhe.

– Oh, Deus. Por favor! Te peço por favor. – Dói, Wolfe. Estou tão excitada que não posso suportar.

Ela pegou sua mão e levou- a até seu sexo pedindo- lhe. Seu corpo arqueou- se quanto ele empurrou dois dedos dentro dela. A dor diminuiu um pouco.

Ele não podia esperar mais tempo para, mas o que era mais importante, nem ela tampouco. Soltou- a por um momento para tentar controlar- se, a empurrou sobre a cama colocando- a sobre seu estômago. Pôs- se entre suas pernas e segurando fortemente seus quadris.

- Não. Gritou ela, enquanto amassava os lençóis quando ele separou suas pernas um pouco mais. - Prometeste Wolfe, disseste que não me torturaria mais.

- Não estou te torturando - Grunhiu - Nunca mais, bebê. Estou aquí.

E entrou nela com um golpe rápido e duro.

CAPÍTULO SETE

Hope sentiu- se invadida imediatamente, sentiu como separava- se a carne que até então não havia conhecido nenhuma intrusão, sentiu como seus músculos internos rodeavam o grosso e duro pênis que submergia em seu interior. Por instantes deixou de respirar, perdeu o controle do próprio corpo. Levantou suas cadeiras para receber mais, enquanto lutava por respirar e então ele começou a empurrar- se dentro dela com firmeza, golpeando sua carne sem piedade.

Sua ereção era como ferro incandescente. Ele a penetrava com movimentos fortes de seus quadris, sujeitando- a pelos quadris com as mãos enquanto entrava dentro dela. Quando Hope pensou que não poderia resistir a outra pressão em seu interior, esta cresceu até chegar a alturas inimagináveis. Estava tão estreita, tão estreita.. Estava com medo de que ele a abandonasse. Se ele a abandonasse agora, ela não sobreviveria.

As paredes de sua vagina, estremeciam uma e outra vez. Seus músculos convulsionvam- se preparando- se para um orgasmo inevitável.

- Deixe que a onda passe, bebê. - ele jurou quando ela o apertou temendo que ela saísse dela.- Não resista, Hope. Corre- te para mim bebê. Abandona- te porque vou correrme para ti. - Ele entrou mais profundamente. - Vou encher tua vagina com meu sêmen, Hope. Corre- te já.

Ela tinha de confiar nele. Seu corpo não podia resistir outra vez. Se ele se afastasse, sabia que seu coração estouraria. Sentia como as contrações se tornavam mais rápidas, como tremia seu interior, como as convulsões chegava até seu estômago. Todo seu corpo começou a tremer quando sentiu chegar o orgasmo. Ia morrer, ninguém podia resistir a tanto prazer, mas ela morerria de boa vontade por ele.

Então incríveis sensações a atravessaram como um raio. Ela não tinha energia para gritar, apenas pode emitir um baixo e continuo lamento que rasgou sua garganta. A energia invadiu todo seu corpo, sua vagina, seu clitoris, incluindo seu útero. A envolveu enquanto explodia, destruindo- a. Ela agitou- se debaixo de seus duros empurrões, enquanto a energia concentrava- se em torno do membro dele, quando ele começou a clamar por seu orgasmo.

– Deus, não. não. – Ela ouviu sua amragurada maldição um momento antes de sentir a mudança.

Os olhos de Hope abriram- se quando ela sentiu que seu penis começava a preenche- la mais e mais, estirando os músculos firmes de sua vagina separando- os mais. E não se detinha. Wolfe seguia entrando com golpes pouco profundos, alojando- se mais firmemente em seu interior até que a preencheu por completo e não houve um só resquício de que estivera vazio, e

então Hope começou a sentir um climax enquanto sentia que o esperma de Wolfe a inundava.

Sua vagina ardia. Não podia controlar tantas sensações de repente. Havia sido esticada mais além do que podia imaginar. Sentia o membro pulsante de Wolfe enquanto sua vagina o agarrava e o apertava em meio aos tremores.

Wolfe perdeu a conta das erupções e dos clímax. Continuou durante vários e longos minutos, enquanto as chamas a devoravam e seu sangue corria forte por suas veias. Carne contra carne. Um enorme jorro de sêmen quente enchia seu corpo e levou- a ao total esgotamento, a orgasmos pequenos que entretanto produziam pequenos tremores em seu estômago.

Wolfe desabou sobre ela, enquanto lutava por recuperar a respiração, seu corpo todavia estremecia espasmodicamente quando tentou sair do corpo de Hope.

Instintivamente, Hope soube o que estava acontecendo. Era incrivel demais para ser verdade, mas não podia ser outra coisa de modo algum. A natureza híbrida de Wolfe estava se encarregando de que sua semente tivesse fruto impedindo a saída do pênis durante alguns minutos.

Se ela tivesse forças, ela teria rido. Deveria haver adivinhado. As espécies haviam desenvolvido suas particularidades caracteristicas de animais.

Depois do coito a separação imediata era impossível. Ela devia saber que Wolfe, como o macho dominante que era, teria sua forma particular de assegurar sua primazia sobre a fêmea.

- Não posso deixarte, Hope. Não posso abandonar teu corpo. - Ele respirou profundamente, enquanto seu corpo estremecia de prazer.

– Hmm!!! Assim parece. – Ela estremeceu- se outra vez ao redor da carne dura.

- Isto nunca havia acontecido antes. - Gemeu contra seu hombro e com sua língua lambeu a pequena cicatriz que a marcava como sua.

Ela sentiu um pequeno estremecimento de prazer quando sentiu que a pressão começava diminuir. Depois de alguns minutos gemeu quando ele por fim retirou- se estimulando sua já senvível vagina.

Ele caiu na cama a seu lado, enquanto respirava entrecortadamente. Seus braços a arrastaram e a obrigaram a deitar- se sobre seu peito, deu- lhe um beijo suave na fronte, acariciou sua bochecha com seus dedos, como se ela fosse o mais preciosos bem que jamais houvesse visto. Baixou a cabeça e a beijou suavemente nos lábios como um homem faminto, sedento de prazer ou alguém desesperado por perdão.

Os lábios abriram os seus, gentilmente. Suas línguas dançavam juntas. Rompeu o beijo e

separou- se suavemente enquanto levantava a cabeça e olhava- a fixamente nos olhos.

– Minha vida foi um inferno sem ti. – Susurrou, a dor que nascia em seu coração inundava sua voz.– Sabia que estava a salvo. No dia que os Laboratórios foram invadidos, fui eu que pus os explosivos, em lugares estratégicos dentro das instalações de tal forma que teu quarto ficou intacto. Depois salvei os de minha raça, e era meu dever salvar- los, assegurar suas vidas antes de ir buscar- te. Não queria sofrer nenhuma privação nem que corresse o mínimo perigo. Sabia que sua mãe a manteria a salvo por momentos.

Ela apertou os lábios tentando lutar contra a dor e suas lágrimas.

– Pensei que te havia perdido para sempre. – Ela tocou seus lábios com dedos trêmulos. – Vivia uma vida miserável, Wolfe. Preferiria ter lutado a teu lado. Ter tomado parte de sua liberdade,de seu mundo

Ele moveu a cabeça pesadamente. – Podia arriscar nosss vidas porque não tinham nenhum valor, mas não podia arriscar a sua. És muito importante para mim Hope. Sem ti, não sou nada.Não existiria nenhum esperança de encontrar a felicidade algum dia. És minha luz. És tudo.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha antes que Wolfe a interceptasse com seu polegar.

– Agora que estás livre, ainda queres bater em meu traseiro?

Hope tentou sorrir debilmente. – Vou surrar- te quantas vezes, assim que eu consiga recuperar- me um pouco. – Assegurou- lhe. – Na próxima vez, serei eu que te amararrei até que não possas dar conta do que sentes.

Uma luz brilhou nos olhos de Wolfe.Ela sabia que ele lhe concederia esse desejo se ella o pedisse.Encolheu os hombros – Então suponho que prefira usar suas mãos não?

- É mais fácil amarte - Assegurou- lhe com uma promessa futura, enquanto sua mão acariciava seu longo cabelo negro que caía abaixo de seus ombros. - E quero amar- te com todo meu corpo, Hope.

– Diga- me o que ocorreu quando escapastes dos Laboratórios. - Precisava saber porque havia demorado tanto a encontra- la.

Wolfe suspirou profundamente.

– Quando fugimos, estávamos sem dinheiro, tinhamos apenas nossos instintos. – Ele encolheu os ombros pesadamente, enquanto franzia o cenho ao recordar aqueles dias. Apenas subsistimos antes de podermos nos armar e treinar os homens para lutar. Então começamos a alugar nossas habilidades como mercenários, procurando e resgatando sequestrados. Nossa reputação começou a crescer muito depressa. Começaram a falar de nós e isso trouxe- nos alguns problemas como que tua mãe nos encontrasse facilmente.

– Quanto ela te encontrou? – ela precisava saber durante quanto tempo sua mãe lhe havía permitido viver acreditanto que ele morrera.

– Ao fim de dois anos. Primero tentou sequestrar- nos. Quando isso não funcionou, iniciou a enviar- me fotos tuas ao meu e- mail. No ano passado recebi várias em que te via praticando sexo com outros homens. Enlouqueci, Hope.

Suas palavras sairam vagarosamente de sua garganta, vendo- se nelas o sentimente de agonia e perda.

– Tenho de ir ao ginecologista mensalmente, por conta dos efeitos da marca que deixaste em mim. – Disse- lhe vacilantemente. – No mês passado, senti uma grande dor, durante o exame. Minha mãe deve ter ordenado a ele que rompesse o hímem para que acreditasses em suas palavras.

Acreditaria nela? Ela olhou- o fixamente em seu rosto sem expressão, sem a furita que estava ali anteriormente.

Ele agitou sua cabeça. – Deveria saber, haver imaginado, mas só o pensamento que que ela pudera ter estado com outros...Não havia estado muito lúcido neste últimos meses meu amor. - Ele beijou seus lábios, pedindo tácitamente uma desculpa com seu olhar. Queria desesperadamente que ela o perdoase. E ela o amava demasiado para não fazê- lo.

– Bem– disse ela– depois de proporcionar- me tanto prazer, suponho que eu possa perdoa-lo.– Susurrou ela com um sorriso sensual.

Hope franziu o cenho enquanto fechava os olhos com resignação e cansaço, e ainda assim ele parecia relaxado, ela pôde sentir como seus músculos ficaram tensos como se pressentisse perigo. Entrelaçou seus braços ao redor dele e aspirou fortemente um segundo antes de ouvir a desprezível voz de sua mãe.

– Assim finalmente o animal, que tu és apareceu. E o tem feito muito bem, Wolfe. Deves te orgulhar. Eu gostarei de treinar teus filhotes para que me obedeçam melhor do que o fizeste.

O terror tomou conta dela. Ela tentou sair debaixo dele, para impedir que ele a protegesse com o próprio corpo, mas ele frustou seu movimento apertando seus braços ao redor dela.

– Te amo, Hope. – Sussurou ele um segundo antes de levantar sua cabeça, enquanto olhava com fria fúria a mulher que havia invadido sua vida uma outra vez. A cientista apoiava- se tranquilamente no portal.

CAPÍTULO OITO

– Olá, cadela. Por que eu não estou supreso de ver- te aquí? - Sua voz estava plena de aversão.

Wolfe examinou e a pequena e bonita mulher, que entrava no quarto. Trajava- se casualmente, com suéter e calças de griffe. A imagem era de um mulher de suscesso, calma e controlada, se não fosse a pistola que levava e desejo de triunfo em seus olhos negros.

- Sabia que as montagens fotográficas dela fazendo sexo com outros homens fariam com que deixasse de esconder- se. - Disse com alegria - Realmente pensaste que minha frígida filha permitiria que outro ou outros homens a tocassem? O ginecologista teve de rompe seu hímem. Realmente, Wolfe, capturar- te foi muito fácil.

- Verdade sim. Eu o tornei extremamente fácil. Muito fácil.- Sugeriu ele com um sorriso.

Os olhos de Delia Bainesmith se estreitaram.

- Sempre tens uma boa estratégia - ela sorriu com desprezo. - Sempre desobedecendo ordens. Sempre tentado escapulir. - Quando vais compreender que és meu? Meu mascote, meu. Eu te crieei. Eu sou teu DEUS. Sua voz vibrava com a raiva, na louca crença de que ele deveria sempre estar sobre seu férreo controle.

- Criaste- me mas nunca me possuiras. - Prometeu- lhe perigosamente. - Esqueces Cadela de que utilizaste DNA de um lobo. Ninguém homem, ou mulher pode controlar a um lobo.

- Então controlarei os cachorros que fizeste em minha filha traidora.

Ela sorriu com desprezo, enquanto levantava sua arma, e começava a apertar o dedo indicador sobre o gatilho. - Eu te matarei.

Wolfe rapidamente, lançou- lhe o lampião que estava sobre a mesa de cabeçeira. O golpe obrigou a Doutora a soltar a arma que produziu um som estranho ao cair. Era a oportunidade que ele necessitava.

Wolfe saltou da cama, tentando alcançar a arma quando ela se lançou sobre ele, uma adaga em sua mão e uma expressão psicótica, repleta de ódio. Wolfe, ouvia que Hope gritava seu nome com uma voz cheia de medo e lágrimas. Lançou- se sobre o monstro, dando- lhe um golpe com a perna, fazendo- a cair.

Wolfe dirigiu- se até ela e então deu- se conta de que o sangue principiava a formar um rio logo embaixo de seu corpo. Hope, também devia tê- lo visto, ouviu como lançava uma exclamação e vislumbrou sua face pálida e horrorizada.

Ele dirigiu- se a cientista, uma vez que havia começado o terror nos laboratórios onde ele havia sido trancafiado. Deu- lhe a volta cuidadosamente pondo- a sobre suas costa e pode ver que a adaga alojava- se em seu peito.

- Bastardo - o sangue borbulhou em sua boca quando ella olhou- o fixamente com ódio. - Estragou tudo. Estragou tudo.

Wolfe olhou a Hope. O medo estava em sua expresão, e não havia nenhuma cor em seu rosto. O olhar da doutorsa seguiu o seu. Sorriu com desprezo a filha que nunca quisera.

- Es um animal. Não és melhor do que um cão. - Ela abriu a boca. Seus olhos se abriram demasiado e morreu.

- Wolfe. - os demais apressaram- se em chegar a cabana e em suas vozes vislumbrava- se o medo. - Merda Wolfe!

Três mulheres e três homens precipitaram- se na alcova. Todos com a respiração entrecortada, mas com um olhar triunfante.

- Capturaram os soldados?- perguntou- lhes enquanto levava Hoe até a cama e a cobria com uma manta.

- Todos eles - Informou- lhe Jacob. - Mas não o matamos.

Wolfe indicou com a cabeça a forma imóvel da cientista.

- Tira- a daqui- Pediu- lhes. - Encontra um buraco profundo e enterrem esta cadela nele.- ela não terá outra oportunidade de ferir mais ninguém.

Levou Hope a outro cômoda e enquanto estreitava seu corpo em seus braços sentia como os soluços atravessvam seu peito.

- Não me afligirei por ela. - sussurou dolorosamente. - Deixou de ser minha mãe faz muito tempo.

- É normal que doa Hope. Assegurou- lhe tristemente. - Necessitas de um tempo de luto.

Ele sentou- a na cama, enquanto a abraçava.

- Ela teria te matado. - sussurou- E também teria me matado no futuro quando eu tivesse dado a luz a nossos filhos.

Ele acariciou seu cabelo com ternura, enquanto seu coração chorava por ela.

- Poderá perdoar- me por sua morte? Perdoar- me pela situação em que te pûs? Por não confiar em ti? - ele a tocou com adoração, com dor.

Por um momento a expresão de Hope não mudou e então uma luz travessa acendeu em seus olhos.

Wolfe estreitou os seus quando notou- o.

- Em que pensas? Perguntou- lhe.

- Em que cheguei ao clímax várias vezes. - sussurou.

Ele sorriu abertamente. - Sim, o fizeste. Rápido demais.

- Não. - ela moveu sua cabeça. - Quando pensava que estavas torturando- me, os grito de agonia não eram de agonia. Eram gritos de prazer.

Ele franziu o cenho novamente. - Isto não é possível. Não tente redimir- me Hope.

Ela gargalhou. Ela atravia- se a rir em sua cara.

- Queres provar novamente? - ofereceu ela.

O calor inundou novamente seu corpo. Seu membro se endureceu.

- Poderei amarrar- te outra vez? - Perguntou- lhe, definitivamente interessado.

Ela encolheu os ombros. - Se queres..., pareceu perder o interesse. Mas ele pôde ver a excitação em seus olhos.

Wolfe suspirou profundamente. - Por que tenho a sensação Hope de que sempre ganhaste com a situação toda sem que eu me desse conta.

Os olhos azuis como safiras brilharam para ele.

- Quem sabe porque o fiz. E não me afligi com a morte da Doutora, Wolfe. Estava apavorada por ti. Estava certa de que ella o mataria. Posso viver sem ella, na realidade sempre o fiz, mas não sobreviveria sem ti.

Ele acariciou seus lábios com os seus e olhou- a fixamente nos olhos.

- Te amo. - sussurou. - Sempre, Hope. Sempre te amarei.

Ela emitiu um suspiro cheio de contentamento e ele a manteve contra seu peito, enquanto agradecia a Deus que estivesse a salvo. Agora que a cadela estava morta poderiam viver suas vidas com muito mais tranquilidade.

Chamaram suavamente da porta e Jacob entrou quando Wolfe deu sua permissão.

- Wolfe, vamos devolver seu corpo a seus soldados. Quando despertem, podem fazer com ele o que quiserem.

- Eles encontraram a cabana?

- Merda Wolfe.

– Merda Wolfe! Lógico que não e nem ela haveria chegado até aquí se não tivesse dados ordens expressas que a deixassemos passar.

Wolfe concordou com a cabeça. Ele não havia desejado matá- la, mas sabia que havia sido favorecido com sua morte.

- Te deixaremos com sua esposa. Quando devemos voltar? - a diversão mirava nos olhos azuis acinzentados de Jacob.

Wolfe sorriu abertamente. - Talvez daqui a várias semanas. - contestou- lhe cansadamente. - Temos de recuperar os anos perdidos.

Hope dormia em seus braços. Quando a porta fechou- se atrás de Jacob e dos outros, ele suspirou profundamente. Tinha a Hope como sempre havia sonhado. Sua vida estava completa.

FIM